

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
INSTITUTO DE BIOLOGIA  
CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

**O ensino de Ciências e Biologia no sistema prisional:  
uma busca por temas, estratégias e recursos didáticos**

Jean Victor de Oliveira

Monografia apresentada à Coordenação do  
Curso de Ciências Biológicas, da  
Universidade Federal de Uberlândia, para a  
obtenção do grau de Bacharel em Ciências  
Biológicas.

Uberlândia - MG

Julho – 2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
INSTITUTO DE BIOLOGIA  
CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

**O ensino de Ciências e Biologia no sistema prisional:  
uma busca por temas, estratégias e recursos didáticos**

Jean Victor de Oliveira

Melchior José Tavares Júnior

Monografia apresentada à Coordenação do  
Curso de Ciências Biológicas, da  
Universidade Federal de Uberlândia, para a  
obtenção do grau de Bacharel em Ciências  
Biológicas.

Uberlândia - MG

Julho – 2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
INSTITUTO DE BIOLOGIA  
CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

**O ensino de Ciências e Biologia no sistema prisional:  
uma busca por temas, estratégias e recursos didáticos**

Jean Victor de Oliveira

Melchior José Tavares Júnior

Homologado pela coordenação do Curso de  
Ciências Biológicas em \_\_/\_\_/\_\_ .

Profa. Dra. Celine de Melo

Uberlândia - MG

Julho – 2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
INSTITUTO DE BIOLOGIA  
CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

**O ensino de Ciências e Biologia no sistema prisional:  
uma busca por temas, estratégias e recursos didáticos**

Jean Victor de Oliveira

Aprovado pela Banca Examinadora em:    /    /    Nota: \_\_\_\_\_

Nome e assinatura do Presidente da Banca Examinadora

Uberlândia,    de

## **AGRADECIMENTOS**

Gostaria de agradecer primeiramente a Deus, pela oportunidade que me foi dada de poder cursar Ciências Biológicas e a partir disto buscar conhecimentos referentes à Biologia e à Educação.

Gostaria de agradecer aos meus familiares e esposa que sempre estiveram do meu lado, me apoiando em todos meus anos de graduação.

Gostaria de agradecer ao professor Dr. Melchior José Tavares Júnior, pela orientação em todo esse projeto.

Gostaria de agradecer à professora Dr<sup>a</sup> Viviane Rodrigues Alves de Moraes e à professora Dr<sup>a</sup> Maria José da Costa Gondim, por terem aceitado participar da banca de defesa.

## RESUMO

O objetivo desse trabalho foi buscar temas, estratégias e metodologias utilizados no ensino de Ciências e Biologia no sistema prisional, visto que este deve ter a mesma qualidade daquele oferecido fora do sistema prisional. Para tanto, optamos por investigar a literatura de referência, aquela publicada nos periódicos em Educação/Ensino, classificados pelo Qualis, A1 a B3 de 2005 a 2017. Dentre os muitos periódicos do campo da Educação, encontramos apenas 18 que continham artigos que nos interessavam, selecionamos 31 artigos. Não encontrar nenhum artigo sobre o ensino de Ciências e Biologia no sistema prisional foi frustrante e não confirmou, portanto, nossa hipótese. Consideramos que novas pesquisas são necessárias pois, acreditamos que desenvolver no encarcerado e na encarcerada o senso-crítico, a capacidade de interpretação e conhecimento sobre Ciências e Biologia pode contribuir para a ressocialização e a melhor autoestima dessas pessoas.

Palavras-chaves: Ensino de Ciências e Biologia; Educação de Jovens e Adultos; Sistema prisional.

## SUMARIO

1. INTRODUÇÃO .....	1
1.1. Educação no Sistema Prisional .....	2
1.2. Ensino de Ciências e Biologia na EJA .....	6
1.3. Envolvimento do Pesquisador com o tema .....	8
2. O PROBLEMA DA PESQUISA .....	9
3. METODOLOGIA .....	9
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO .....	10
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	14
REFERÊNCIAS .....	15
APÊNDICE .....	17

## **1. Introdução**

A educação pode ser considerada como algo eminente para a formação e desenvolvimento de um indivíduo. É a partir desta que o mesmo consegue criar com maior convicção seu senso crítico, seus valores éticos, morais e sociais. Desta forma, a escola se torna uma importante instituição na sociedade, pois é por meio dela que o indivíduo também irá buscar o conhecimento básico para se desenvolver como um cidadão detentor destes valores.

Para Freire (1996), não se deve entender a educação como uma simples transmissão de conhecimento, mas sim poder fazer com que o educando crie a possibilidade de construir seu próprio conhecimento baseado com o que ele sabe, com o que ele conhece partindo de seu cotidiano familiar. Para Dessen; Polonia (2007), a escola tem influência direta na formação do cidadão, principalmente quanto aos quesitos político, educacional e social.

Nesse contexto, o professor deve ser considerado como mais que um mero profissional transmissor ou auxiliador do conhecimento, visto que seu papel se faz com constante aprendizagem, de forma dinâmica e contínua. Segundo Moran; Masetto; Behrens (2000) o professor é um pesquisador em atividade. Ele aprende com a pesquisa e com a prática, ensinando a partir do que aprende. Desempenha assim, o papel de orientador/mediador.

A Educação de Jovens e Adultos (EJA), exercida no Ensino Fundamental e Médio, pautada na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394/96, consta no título V, capítulo II, que é destinada aos cidadãos que não tiveram o acesso ou continuidade dos estudos nestes níveis de ensino na idade apropriada e deve prepará-los para o mercado de trabalho (LOURENÇO; BARROS, s/d). Para estes autores, a educação para jovens e adultos deve proporcionar aos discentes conteúdos e temáticas onde é possível o relacionamento entre os interesses, condições de trabalho e vida, onde se é possível verificar uma didática diversificada, mas que proporcione uma aprendizagem eficaz.

Segundo Cavalcante (2011), a EJA foi conquistada a partir de um processo histórico e social, que com o passar do tempo vem favorecendo o acesso à educação no decorrer da vida e influenciando o debate acerca de metodologias específicas de ensino a essa modalidade. Segundo essa autora, em 1988 promulgou-se a Constituição Federal que assegurou a educação aos jovens e adultos e em 1996 a Lei de Diretrizes e Bases, que deixou explícito que a EJA era destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade dos estudos na idade apropriada.



A temática do presente estudo é a Educação de Jovens e Adultos que ocorre no sistema prisional, tendo como ênfase o ensino de Ciências e Biologia.

### 1.1. Educação no Sistema Prisional

A Lei de Execução Penal (LEP) nº 7.210/1984, afirma que, além do direito de estudar, o carcerário tem direito também à biblioteca, munida de livros instrutivos, didáticos e recreativos, que garantam o incentivo à leitura no sistema prisional (BRASIL, 2013).

Partindo de Brasil (2015):

Art. 18-A. O ensino médio, regular ou supletivo, com formação geral ou educação profissional de nível médio, será implantado nos presídios, em obediência ao preceito constitucional de sua universalização. § 1º O ensino ministrado aos presos e presas integrar-se-á ao sistema estadual e municipal de ensino e será mantido, administrativa e financeiramente, com o apoio da União, não só com os recursos destinados à educação, mas pelo sistema estadual de justiça ou administração penitenciária. § 2º **Os sistemas de ensino oferecerão aos presos e às presas cursos supletivos de educação de jovens e adultos**<sup>1</sup>. § 3º A União, os Estados, os Municípios e o Distrito Federal incluirão em seus programas de educação à distância e de utilização de novas tecnologias de ensino, o atendimento aos presos e às presas.

Cavalcante (2011) afirma que a educação no sistema prisional não deve ser visto apenas como um direito humano, mas sim uma forma de ressocialização do indivíduo, sendo um lugar onde deverá ocorrer a troca de saberes e irá fortalecer os vínculos sociais, sendo assim, **a educação deve ter a mesma qualidade seja no sistema prisional ou não**<sup>2</sup>. Bueno (2007, p.9) afirma que para o detento a sala de aula prisional “é praticamente o único espaço em que ele pode se sentir como homem, em que a marca de ‘criminoso’ pode ser amenizada”.

Ainda sobre a ressocialização do indivíduo na escola do sistema prisional, MELLO; SANTOS (s/d) afirmam que “A característica fundamental da pedagogia do educador em presídios é a contradição, é saber lidar com conflitos, saber trabalhar as contradições à exclusão”. Sendo assim, o educador tem papel fundamental no que se refere a mostrar ao aluno carcerário a importância deste estar ali buscando o aprendizado e poder despertar no mesmo a reflexão e a inserção deste como indivíduo da sociedade a partir daquele momento.

Para Duarte; Monteiro (2015) a educação no sistema prisional tem como objetivo atender às principais finalidades da pena quanto aspecto punitivo e preventivo a novos delitos

---

<sup>1</sup> Grifo nosso.

<sup>2</sup> Grifo nosso.

além de inserção social do preso que lhe permita refletir no que o mesmo fez e lhe permita a autonomia de auto-regulação para o convívio em sociedade, visto que segundo os mesmos autores, dos aproximados setecentos mil presos e presas mais de 50% são negros, jovens, com baixa escolaridade, advindos de locais com vulnerabilidade social, com trajetórias de vida marcadas desde a infância por violências, violações de direitos e da dignidade humana.

Sendo assim, o aprender, segundo Laffin; Nakayama (2013) pode vir a se tornar uma vitória para tais carcerários, além de ser uma distração para muitos ali presentes. Todavia, em grandes circunstâncias, o professor deve saber lidar com um fator bastante comum na cela de aula: a baixa autoestima (LAFFIN; NAKAYAMA, 2013). Tais autoras afirmam que por mais seja comum encontrá-la também fora do sistema prisional, os carcerários geralmente sofrem com a baixa autoestima em maior intensidade.

Contudo, o professor que se insere no sistema prisional, precisa saber trabalhar a baixa autoestima de seus alunos de uma forma com que o emocional não interfira na relação professor-aluno, ou seja, que o fator emocional não tome frente em relação ao planejamento, foco, objetivo e respeito dentro da sala de aula (NAKAYAMA, 2011):

O papel do professor nesse espaço é servir de mediador mesmo, ele não tem que vir aqui fazer favor, ouvir história, passar a mão na cabeça deles, não! Envolvimento emocional, eu reforço, é muito prejudicial, porque faz você não atender o teu planejamento, não atender as tuas prerrogativas de vir, de trabalhar, de dar conta do teu planejamento. Mas o que tu tens que fazer primeiro, todos os dias, é lembrar-se dos teus objetivos, das tuas metas, o que eu quero alcançar, que tempo eu tenho pra isso e ter essa consciência (NAKAYAMA, 2011, p. 213).

Entretanto, Laffin; Nakayama (2013) afirmam que manter um bom relacionamento, afeto, motivação, acolhimento, respeito podem fazer parte do cotidiano escolar no sistema prisional sem comprometer a relação professor-aluno.

Outro fato que também chama a atenção segundo Duarte; Monteiro (2015) é que o espaço educacional prisional é realizado em locais de instituições totais, pertencentes à estrutura do Ministério da Justiça do Estado pertencente e pelas secretarias de segurança pública e administração federal do Estado pertencente àquela região.

Visto que todo o local de segurança média e máxima possui especificidades e normas de controle disciplinar e de segurança de todos os envolvidos nos recintos, em especial à movimentação de pessoas que por ali se encontram, não há autonomia do Ministério da Educação, Secretarias do Estado em estabelecer as regras, padrões e rotinas escolares ou

promover atividades com as mesmas performances de ensino como as encontradas nas escolas públicas fora do sistema prisional (DUARTE; MONTEIRO, 2015).

Sendo assim, podemos entender que há diferenças de visão entre os profissionais da educação do sistema prisional e os profissionais de segurança deste local no que se refere à educação dos detentos (TRENTIN, 2013). Entretanto, após uma experiência com a educação no sistema prisional, a mesma autora afirma que os segundo os agentes penitenciários, os estudantes apresentam comportamento mais disciplinado, cumprindo melhor as regras, referentes à questão local. Além disto, tal autora ainda afirma que os próprios detentos consideram que a educação lhes ajuda a ver o mundo de forma diferente, e que estes depositam na própria educação a esperança de um futuro transformado.

Visando a importância da educação prisional e o espaço da cela como sala da aula, Leme (2007) afirma:

(...) a sala de aula não será mais do que uma “cela de estudo”, uma cela, digamos, onde encontramos lousa e carteiras. Por isso, ousamos chamar a sala de aula no interior de uma penitenciária de “cela de aula”. Não queremos, com isso, estigmatizar esse espaço. Acreditamos que se possa olhar a cela de aula em um sentido positivo. Será nesse espaço que ocorrerá o aprendizado escolar de maneira formal. Esse espaço terá para muitos presos um significado especial. Para alguns, será a primeira oportunidade de aprender a ler e escrever; para outros, a chance de concluir os estudos e esboçar, assim, um futuro diferente (LEME, 2007, p. 145)

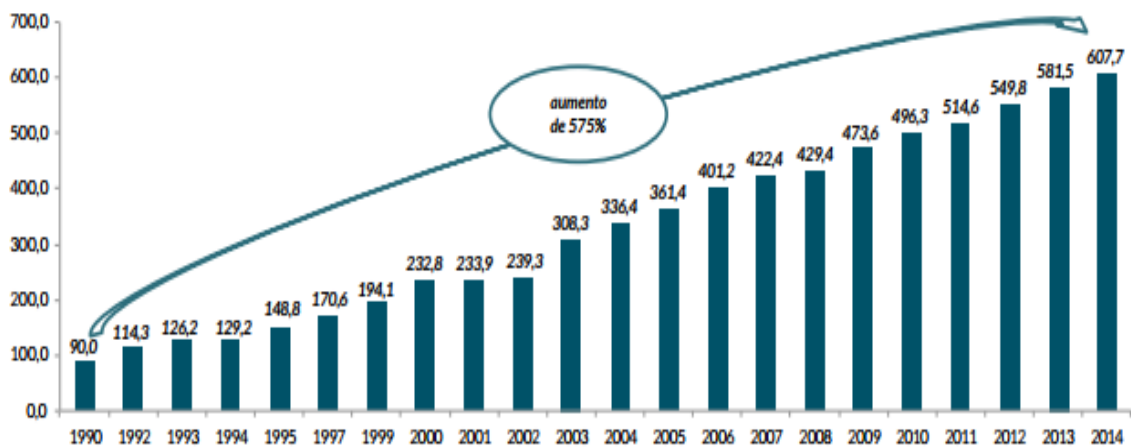
Contudo a ocorrência do aumento da população carcerária vem dificultando a oferta da educação prisional. Além da superlotação que existe nas prisões, a falta de infraestrutura adequada, escassez e/ou falta de funcionários (agentes de segurança e professores), elevada rotatividade dos alunos, escassez de materiais, são fatores que também dificultam o processo de ensino-aprendizagem no sistema prisional (CAVALCANTE, 2011). Entretanto, mesmo com tais dificuldades, a educação no sistema carcerário se faz de extrema importância, visto que tal direito auxilia no desenvolvimento pessoal e pode possibilitar uma melhora em sua conduta e até mesmo na autoestima (CAVALCANTE,2011).

Conforme Rangel (2006), a superlotação carcerária também pode ser identificada nos sistemas prisionais mundiais, em especial da Europa, dificultando a educação em tal recinto. Todavia, conforme esse autor, a educação prisional se faz de maneira mais facilitada nas regiões européias devido ao fato dos encarcerados permanecerem muito tempo na prisão. No Canadá, segundo tal autor, devido os programas sociais existentes, a taxa de presos é baixa, o que facilita o processo educativo. Na América Latina, o autor afirma que a educação prisional ainda é precária, e que em países como o Brasil e México, o número de detentos vem

crescendo cada vez mais, dificultando a educação prisional. Já em alguns países como Colômbia e Chile, a privatização de prisões, não foi acompanhada de ações educacionais.

Tratando-se de Brasil, desde 2000, a população prisional crescera cerca de 7% anual, o que acarretou um total de 161% até 2014, tendo assim, um aumento 10 vezes maior no número de carcerários se comparado ao aumento do total da população brasileira, que totalizou 16% entre 2000-2014, com média de 1,1% ao ano chegando a 607.731 pessoas que se encontram no sistema prisional até o ano de 2014. Porém, se observado desde 1990 até 2014, houve um aumento de mais de 570% de carcerários (Figura 1.)(BRASIL, 2014).

Figura 1. Evolução do número de pessoas carcerárias no Brasil 1990-2014

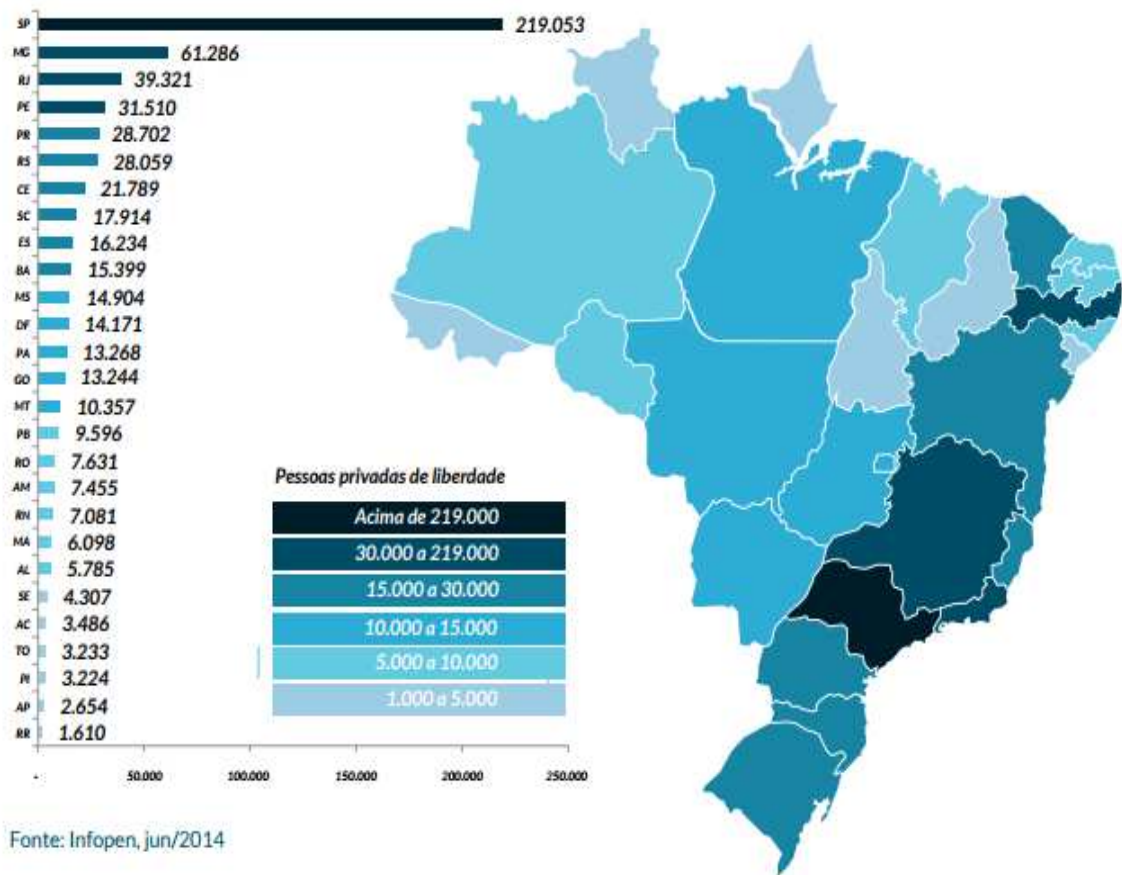


Fonte: Ministério da Justiça - a partir de 2005, dados do Infopen/MJ

Segundo Duarte; Monteiro (2015), até o ano de 2014 o sistema prisional brasileiro possuía 27.468 (cerca de 5%) de detentos analfabetos, 65.567 (cerca de 12%) de presos alfabetizados e 236.519 de carcerários que possuem ensino fundamental Incompleto o que corresponde à 43,07% da população de detentos no Brasil.

Minas Gerais é o segundo Estado brasileiro com número de presos, apresentando 61.392, atrás somente de São Paulo que possui 220.030 detentos (Figura 2.). Contudo, se realizada a taxa de aprisionamento, ou seja, a taxa de pessoas privadas de liberdade para cada 100.000 habitantes, Minas Gerais lidera o ranking com a taxa total de 568,9 de aprisionamento (BRASIL, 2014).

Figura 2. População prisional brasileira



Na cidade de Uberlândia-MG, dois estabelecimentos prisionais contam com a educação de jovens e adultos: Presídio Professor Jacy de Assis e Penitenciária Professor Pimenta da Veiga. Sendo que no segundo estabelecimento encontram-se presos sentenciados em execução penal, possibilitando de forma geral, uma menor rotatividade de alunos, devido que, após ser condenado, o preso passa por um acompanhamento e execução de sua pena (OLIVEIRA, 2013).

Atualmente, a Escola Estadual Mario Quintana, situada na Penitenciária Professor Pimenta da Veiga, possui 13 turmas de ensino prisional, sendo oito turmas de ensino fundamental, cinco turmas de ensino médio totalizando cerca de 120 alunos distribuídos nestas treze turmas. As aulas acontecem durante período diurno e vespertino, sendo o turno da manhã entre 08h30min - 11h30min e o turno da tarde entre 13h30min – 16h30min de segunda à sexta-feira. Por se tratar de EJA, o período letivo ocorre semestralmente, como nas demais escolas de Uberlândia que seguem o mesmo regime de ensino.

## 1.2. Ensino de Ciências e Biologia na EJA

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN+) buscam organizar o ensino não baseado na lógica, mas sim em situações de aprendizagem que tenham sentido ao aluno. Devido a isto, pretendem organizar o ensino por competências, que para a área de Ciências e Biologia são: expressão e comunicação, investigação e compreensão, e contextualização sócio-cultural. Entretanto, o desenvolvimento destas competências deve ser de responsabilidade primordial da escola e pessoas nelas envolvidas, segundo Brasil (2002):

A distribuição dessas competências ao longo dos anos de escolarização do ensino médio e a decisão sobre a melhor maneira de desenvolvê-las são responsabilidades dos sistemas de ensino e, principalmente, de cada escola. Dependem, em essência, de como ocorre a organização do tempo escolar, da grade curricular vigente e das prioridades temáticas estabelecidas, em torno das quais as competências vão estar nucleadas. A definição das temáticas, por sua vez, leva em conta a relevância científica e social dos assuntos, seu significado na história da ciência e na atualidade e, em especial, as expectativas, os interesses e as necessidades dos alunos. Por tudo isso, é impossível (e inadequada) a elaboração de currículo único que tenha alcance nacional. No entanto, a título de exemplo, para ilustrar uma possibilidade de combinação dos elementos essenciais dessa estruturação, vamos propor uma possível organização daquelas competências em torno de temas estruturadores (BRASIL, 2002, p.40).

No caso do Ensino de Ciências e Biologia para EJA, lembramos de Brandão (2004), ao afirmar que a escola deve abordar conteúdos mais próximos dos alunos. Consideramos ainda que o professor deve também ter a flexibilidade de alterar ou sugerir conteúdos durante o planejamento pedagógico que atenda melhor as necessidades de seus alunos. Isto se faz de maneira constante na EJA, visto que os alunos que geralmente participam desta etapa de ensino são cidadãos que trabalham durante grande parte do dia e estudam durante a noite ou, como no caso deste estudo, são detentos e detentas.

Para Lopes; Ferreira (2015), fazer uma reflexão sobre o ensino de Biologia e Ciências na EJA acarreta a sondagem de questões pertinentes para o trabalho pedagógico como as atuais necessidades de aprendizagem dos alunos da EJA, como eles concebem e desenvolvem o conhecimento científico.

Outro aspecto que gostaríamos de pontuar é que, à medida que as informações acerca da Ciência e Tecnologia vêm crescendo e juntamente destes o desenvolvimento social, econômico e cultural, o Ensino de Ciências ainda se faz necessário, inclusive para os alunos da EJA, onde os cidadãos podem fazer parte das transformações políticas, sociais e culturais onde vivem (DUARTE, et. al, 2014).

Partilhando experiências com colegas que atuam juntamente comigo no sistema prisional, temos percebido que, a seleção de algumas temáticas, como o ciclo de Krebs, a evolução dos seres vivos desde os seres acelulares até os vertebrados, por exemplo, faz-se de forma um pouco mais dificultada, devido ao tempo de trabalho disponível ser menor se comparado ao ensino regular. Nesse sentido, lembramos de Geglio; Santos (2011), quando afirmam que cada etapa da EJA é concluída num período de seis meses, sendo assim, o conteúdo que o professor selecionar para seus alunos deve ser construído à eles neste curto período e ao mesmo tempo deve relacioná-lo a seu cotidiano, criando assim a autonomia de suas ações.

Cavalcante (2011) realizou uma pesquisa em 2009 sobre o ensino de Biologia no sistema prisional do Distrito Federal-DF, onde o mesmo trabalhou filmes de longa e curta-metragem e um documentário com o intuito de verificar a possibilidade do uso de filmes como estratégia didática da educação no sistema prisional, além de observar o senso crítico e qual dos três tipos de linguagens cinematográficas despertaria maior interesse dos alunos. Após a execução das atividades e discussões abordadas em sala de aula, a autora concluiu que a utilização de filmes no sistema prisional pode sim favorecer o ensino em tal local. Os alunos também conseguiram despertar o senso crítico sobre a temática abordada, fazendo até mesmo uma co-relação com seus cotidianos. E por último, que o filme de longa-metragem foi de maior interesse, provavelmente, segundo a autora, devido a estes se sentirem em um momento de maior liberdade. Desta forma, tal recurso pode então, ser mais utilizado ou utilizado com maior facilidade, pois além de trazer o aluno para mais próximo de sua realidade, pode desenvolver o senso crítico nos mesmos, se abordado de forma correta, com um objetivo a ser alcançado e não apenas como um passatempo durante as aulas.

### **1.3. Envolvimento do Pesquisador com o tema**

A escolha pelo tema abordado se deve ao fato de exercermos atividade docente na Escola Estadual Mário Quintana, instituição vinculada ao Presídio Pimenta da Veiga, localizada na cidade de Uberlândia (MG). Apesar de 2017/1 ser nosso primeiro semestre nessa escola, a curiosidade e interesse de discutir o processo educativo se fez logo de início da docência em tal local.

A oportunidade surgira a partir de uma vaga em aberto para substituir um antigo colega de curso. Então, a partir de uma conversa com este colega, este por sua vez, sugeriu que o pesquisador o substituísse em suas aulas de Biologia, Química e Física na escola em

questão. Após a entrega de currículo e depois de passado o processo seletivo, composto de entrevistas com o corpo diretor da escola, juntamente com a pedagoga da mesma, surgiu a real oportunidade de substituir o colega de curso e exercer o papel de professor para o ensino da EJA fundamental/médio da escola situada na zona rural uberlandense.

## **2. O problema da pesquisa**

Segundo documento formulado por Ação Educativa (2004), a prática pedagógica está inserida como um dos indicativos de qualidade da educação. Desta forma, observa-se que tal documento aponta as estratégias e variedade de recursos didáticos como práticas que devem ser utilizadas no cotidiano docente como critério de qualidade de ensino.

Se a educação deve ser oferecida aos detentos e detentas e deve ter a mesma qualidade da oferecida fora do sistema prisional (CAVALCANTE, 2011), espera-se que isso ocorra no caso do ensino de Ciências e Biologia. Assim, ficamos a perguntar: *os conteúdos, estratégias e recursos didáticos do ensino de Ciências e Biologia fora do sistema prisional ocorrem também no sistema prisional?*

## **3. Metodologia**

Tal trabalho está relacionado às pesquisas de revisão bibliográfica, ou seja, para o levantamento e análise de trabalhos já publicados anteriormente (FONSECA, 2002). Segundo tal autor:

A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem, porém pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta (FONSECA, 2002, p. 32).

A partir disto, sobre a temática do Ensino de Biologia na EJA, realizamos uma revisão bibliográfica, baseado em leituras comparativas de trabalhos publicados em revistas



qualificadas com artigos científicos do sistema de avaliação de periódicos da CAPES<sup>3</sup>, chamado de Qualis<sup>4</sup>, categorias A1, A2, B1, B2 e B3, entre os anos de 2005 a 2017, que tratam do Ensino de Ciências e Biologia.

Esse trabalho se deu da seguinte forma: com os periódicos definidos e listados, buscamos artigos relacionados à EJA e ensino de Ciências e Biologia e EJA no sistema prisional e o ensino de Ciências e Biologia. Tal busca levou em consideração, pela ordem, o título, as palavras-chaves e o resumo.

Após os artigos definidos e listados, foi realizada a leitura das publicações encontradas de forma cautelosa, com o objetivo de atender aos itens que apresentamos no problema da pesquisa, a saber, os temas, estratégias e recursos didáticos do ensino de Biologia tanto na EJA fora do sistema prisional tanto dentro do sistema prisional.

#### 4. Resultados e discussão

No quadro 1, apresentamos a lista de periódicos relacionadas à Educação, nos Qualis A1 ao B3, nas quais foram encontrados artigos relacionados ao ensino de Ciências e Biologia na EJA.

Quadro 1 - Lista de periódicos – Qualis A1-B3, com artigos sobre Ciências e Biologia na EJA, no período de 2005 – 2017.

1.	Revista Alexandria
2.	Revista Amazônia – Educação em Ciências e Matemática
3.	Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências
4.	Revista Cadernos do Aplicação (UFRGS)
5.	Revista Ciência e Educação
6.	Revista Ciências e Ideias
7.	Revista Científica Interdisciplinar
8.	Revista da SBEnBIO
9.	Revista Ensaio Pesquisa em Educação em Ciências
10.	Revista Experiência em Ensino de Ciências
11.	Revista Iberoamericana de Educación
12.	Revista Investigações em Ensino de Ciências
13.	Revista OEI

<sup>3</sup>Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), fundação do Ministério da Educação responsável por vigiar o reconhecimento e expansão de cursos de pós-graduação stricto-sensu (mestrado acadêmico, mestrado profissional e doutorado).

<sup>4</sup>Qualis é o conjunto de procedimentos utilizados pela Capes para estratificação da qualidade da produção intelectual dos programas de pós-graduação. Disponível em: <https://www.sucupira.capes.gov.br>.

14. Revista Pesquisa Interdisciplinar
15. Revista Práxis
16. Revista Sala de Aula em Foco
17. Revista Série-Estudos
18. Revista UNOPAR Científica: Ciências Humanas e Educação

Fonte: <https://sucupira.capes.gov.br>

Abaixo, encontra-se o quadro 2, com os artigos encontrados nos periódicos citados acima.

Quadro 2. Títulos dos artigos sobre Ciências e Biologia na EJA.

1. <i>Uma experiência de encontro entre narrativas autobiográficas e narrativas científicas no en-sino de Biologia para jovens e adultos.</i> Araujo Jr, A; Avanzi, M. R; Gastal, M. L. 2017.
2. <i>A utilização de documentários didáticos no Ensino de Biologia na EJA da cidade de São José de Piranhas-PB.</i> Maciel, M. M; Gonçalves, P. B; Barros, J. D. S., 2016.
3. <i>A Educação de Jovens e Adultos e o Ensino de Ciências Naturais: Contribuições da utilização dos conceitos unificadores.</i> Krelling, L. M; Floreczak, M. A; Sutil, N. 2016.
4. <i>O início, o fim e o meio: algumas concepções e imagens de estudantes da EJA sobre menstruação, menopausa e climatério.</i> Soares, M. N. T; Gastal, M. L., 2016.
5. <i>Uma Contribuição do Ensino de Ciências para a discussão e a prevenção do HPV no contexto do Programa de Educação de Jovens e Adultos.</i> Oliveira, L. M. P. P.; Andrade, V, A., 2016.
6. <i>A Educação de Jovens e Adultos e o Ensino de Ciências: Uma Revisão da Literatura.</i> Lopes, M. R. O; Ferreira, T. L., 2015.
7. <i>Possibilidades metodológicas para a apropriação do tema Artrópodes na Educação de Jovens e Adultos (EJA).</i> Machado, E. F; Culpi, V. L. F., 2015.
8. <i>Uma proposta pedagógica direcionada ao ensino de Ciências para estudantes jovens e adultos.</i> Bertoglio, D. S; Lima, V. M. R; Pires, M. G. 2015.
9. <i>A produção de jogos didáticos de Botânica como facilitadores do ensino de Ciências na EJA.</i> Neves, A. L. L. A; Sousa, G. M; Arrais, M. G. M. 2014.
10. <i>Aplicando o fenômeno da Maré Negra como ferramenta problematizadora com alunos do EJA.</i> Nunes, E. F; Hora, B. L. V; Pinheiro, S. A; Araujo, T. L. 2014.
11. <i>Aprendizagem significativa na EJA: uma análise da evolução conceitual a partir de uma intervenção didática com a temática Energia.</i> Gomes, A.T; Garcia, I. K., 2014.
12. <i>Apropriação do discurso científico: uma análise do uso da linguagem científica em atividades de ensino de Ciências com alunos da educação de jovens e adultos (EJA).</i> Oliveira, S. G. T; Munford, D. 2014.
13. <i>Concepções alternativas, sobre aspectos morfológicos e fisiológicos dos peixes, de alunos da educação para jovens e adultos.</i> Lima, A. C. C; Medeiros, M. L. Q; Araujo, M. F. F; Montenegro, L. A; Ioriopetrovich, A. C., 2014.
14. <i>Ensino de Biologia na Educação de Jovens e Adultos (EJA): um estudo de</i>

<i>Revisão Bibliográfica.</i> Porto, M. L. O; Teixeira, P. M. M. 2014.
15. <i>Ensino de Ciências na EJA: Relato de uma experiência Didática.</i> Duarte, C. T; Almeida, F. C. S; Arruda, R. M; Campos, M. G; Machado, N. G., 2014.
16. <i>O Ensino das Ciências e as TICs: o uso do Laboratório de Informática como facilitador do processo ensino-aprendizagem da alfabetização de Jovens e Adultos.</i> Costa, M. C. M. P; Silva, C. C. A.2014.
17. <i>Plantas Medicinais no Ensino de Química e Biologia: Propostas Interdisciplinares na Educação de Jovens e Adultos.</i> Cavaglier, M. C. S; Messeder, J. C., 2014.
18. <i>“Professora, a senhora gosta de homem ou de mulher”? Olhares de um grupo de estudantes sobre uma proposta de ensino sobre corpo, gênero e sexualidade na EJA.</i> Santos, F. F; Souza, M. L.2014.
19. <i>Textos de divulgação científica (TDC) nas aulas de Biologia na Educação de Jovens e Adultos (EJA) para abordar a temática alimentação.</i> Oliveira, L. L; Zancul, M. S., 2014.
20. <i>Desafios do trabalho docente na Educação de Jovens e Adultos: vivências da prática de ensino em Ciências Biológicas.</i> Souza, E. C. F; Costa, G. C; Bornstein, C. J. U. 2013.
21. <i>Estratégias e metodologias para o ensino de Ciências na Educação de Jovens e Adultos – EJA.</i> Moraes, R. W-R; Soares, C. C., 2012.
22. <i>Abordagem temática e contextos de vida em uma prática educativa em Ciências e Biologia na EJA.</i> Moreira, A. F; Ferreira, L. A. G., 2011.
23. <i>O Ensino de Ciências e Matemática na Educação de Jovens e Adultos: um estudo de caso sobre ação docente.</i> Nascimento, V. S; Benite, C. R. M; Friedrich, M.; Benite, A. M. C., 2011.
24. <i>Que conhecimentos sobre Ciências ensinamos na Educação de Jovens e Adultos e quais poderíamos ensinar?.</i> Monaco, G. D; Lima, E. F. 2011.
25. <i>Bioética com animais: uma proposta para a Educação de Jovens e Adultos no Ensino Médio.</i> Fraga, R. F; Borges, R. M. R.,2010.
26. <i>O Ensino de Ciências e Biologia nas turmas de EJA: experiências no município de Sorriso-MT.</i> Moraes, F. A.,2009.
27. <i>Atividades práticas em Ciências no cotidiano: valorizando os conhecimentos prévios na Educação de Jovens e Adultos.</i> Merazzi, D. W; Oaigen, E. R.2008.
28. <i>Educação em Ciências e EJA: pela necessidade do diálogo entre campos e práticas.</i> Vilanova, R; Martins, I.2008.
29. <i>Atividades práticas do cotidiano e o ensino de Ciências na EJA: a percepção de educandos e docentes.</i> Merazzi, D. W; Oaigen, E. R.2007.
30. <i>A importância das aulas práticas para alunos jovens e adultos: uma abordagem investigativa sobre a percepção dos alunos do PROEF II.</i> Leite, A. C. S; Silva, P. A. B; Vaz, A. C. R. 2005.
31. <i>O ensino de ciências naturais e cidadania sob a ótica de professores inseridos no Programa de Aceleração de Aprendizagem da EJA.</i> Santos, P. O; Bispo, J. S.; Omena, M. L. R.A.2005

Fonte: apêndice.

No quadro 3, apresentamos os temas, estratégias e recursos didáticos no ensino de Ciências e Biologia para EJA, encontrados nos artigos citados acima.

Quadro3. Temas, estratégias e recursos utilizados.

TÓPICOS	EJA REGULAR (FORA DO SISTEMA PRISIONAL)	EJA NO SISTEMA PRISIONAL
TEMAS  Conteúdos de Ciências e Biologia	Alimentação; Aquecimento global; Artrópodes; Botânica; Contribuições didáticas; Corpo, gênero e sexualidade; Clonagem; Doenças fisiológicas; Doença Sexualmente Transmissível; Educação ambiental; Energia; Ética animal; Linguagem científica; Morfologia e Fisiologia de peixes; Plantas Medicinais; Poluição Ambiental (Maré Negra); Práticas de ensino; Reações químicas na alimentação; Reciclagem; Saúde; Sistema Respiratório; Sistema Urinário; Zoologia.	-----
ESTRATÉGIAS Plano de ação do professor	Aula prática; Discussão; Exibição e Interpretação de documentário; Leituras e produções de textos; Oficinas interdisciplinares; Aula expositivo-dialogada; Uso de computadores em aulas de Ciências; Visita a Museu Itinerante.	-----
RECURSOS DIDÁTICOS	Artigos científicos; Barbantes; Computadores; Data-show; Desenhos; Diário de campo; Documentários; Gráficos; Gravuras; Jogos didáticos; Livros; Mapas; Modelos didáticos; Quadro negro; Questionários; Textos.	-----

Fonte: apêndice.

Recuperando o nosso problema de pesquisa, questionamos se *os conteúdos, estratégias e recursos didáticos do ensino de Ciências e Biologia fora do sistema prisional ocorrem também no sistema prisional*. À medida que coletávamos os dados, um sentimento de frustração foi se instalando, visto que encontramos apenas artigos que tratavam do ensino de Ciências e Biologia na EJA regular, fora do sistema prisional. Dos 31 artigos selecionados dentro dos 18 periódicos, *nenhum* se referia ao ensino de Ciências e Biologia no sistema prisional.

Desse modo, nossa hipótese não se confirmou, pois esperávamos que pudesse até haver poucos resultados, mas não nenhum.

Todavia, após pesquisa de artigos publicados em anais de congressos ou até mesmo dissertações ainda não publicadas em revistas Qualis A1-B3, foi possível encontrar resultados que poderiam ser relevantes ao nosso trabalho, contudo não foram inclusos nos resultados devido às características impostas ao mesmo. Ou seja, se realizado uma pesquisa com menores especificidades referentes ao ensino de Ciências e Biologia na EJA dentro e fora do sistema prisional, poderá sim haver resultados mais abrangentes.

Por outro lado, esse resultado também nos fez refletir. Considerando que pesquisas de mestrado e doutorado são geralmente publicadas em periódicos bem qualificados, podemos fazer as seguintes inferências:

- O tema *ensino de Ciências e Biologia no sistema prisional* pode não estar sendo objeto de pesquisas nesses dois níveis;
- Trabalhos nessa temática podem não ser do interesse dos periódicos nos níveis selecionados A1 a B3.
- Os trabalhos relacionados a esse tema podem estar sendo publicados em outros níveis dos periódicos Qualis.
- Os trabalhos relacionados a esse tema podem estar estão sendo publicados em outros ambientes como anais de congressos científicos.
- Ocorre uma alta rotatividade de professores no sistema prisional, dificultando trabalhos relacionados à educação carcerária?

Outra reflexão também é possível. Note-se no quadro 3 a extensa diversidade de temas, estratégias e recursos para o ensino de Ciências e Biologia na EJA fora do sistema prisional. Essa diversidade nos remete à Cavalcante, que discute a qualidade do ensino dentro das prisões: “É desejável que haja uma educação formal e regular nas prisões com a mesma qualidade da educação oferecida para a população em geral” (CAVALCANTE, 2011). Desta forma, acreditamos que, desenvolver no encarcerado e na encarcerado senso-crítico, a capacidade de interpretação e conhecimento sobre Ciências e Biologia pode contribuir para a ressocialização e a melhor autoestima dessas pessoas.

## **5. Considerações finais**

O objetivo desse trabalho foi buscar temas, estratégias e metodologias utilizados no ensino de Ciências e Biologia no sistema prisional. Para tanto, optamos por investigar a literatura de referência, aquela publicada nos periódicos classificados pelo Qualis, A1 a B3. Dentre os muitos periódicos do campo da Educação, encontramos apenas 18 que continham artigos que nos interessavam. Foi um trabalho intenso, visto o tempo limitado que era disponível, apenas um semestre letivo.

Contudo, estamos interessados em continuar esse estudo em nível de mestrado, de modo a compreender os limites e possibilidades do ensino de Ciências e Biologia no sistema

prisional. Esperamos também que esses resultados possam estimular outros pesquisadores e que novas reflexões e discussões possam ser geradas.

## Referências

AÇÃO EDUCATIVA; UNICEF, PNUD, INEP-MEC. **Indicadores da qualidade na educação**. Ação Educativa, 2004.

BUENO, J. G. S. Apresentação. In: ONOFRE, E. M. C. (Org.) **Educação escolar entre as grades**. São Carlos: Edufscar, 2007. P. 7-9.

BRANDÃO, C. R. **O que é educação?**São Paulo: Brasiliense, 2004.

BRASIL. Constituição (1998). **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988. Brasília: Imprensa Oficial, 1998.

\_\_\_\_\_. Lei No 13.163, de 9 de setembro de 2015. Modifica a Lei no 7.210, de 11 de julho de 1984 - Lei de Execução Penal, para instituir o ensino médio nas penitenciárias. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2015-2018/2015/Lei/L13163.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13163.htm). Acesso em: 16 de abril de 2017.

\_\_\_\_\_. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei n. 9394 de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <[ftp://ftp.fnde.gov.br/web/siope\\_web/lei\\_n9394\\_20121996.pdf](ftp://ftp.fnde.gov.br/web/siope_web/lei_n9394_20121996.pdf)>. Acesso em 16 de abril de 2017.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Média e Tecnológica. *Parâmetros Curriculares Nacionais + (PCN+)* - Ciências da Natureza e suas Tecnologias. Brasília: MEC, 2002. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/CienciasNatureza.pdf>>. Acesso em 10 de maio de 2017.

\_\_\_\_\_. Secretaria de Estado da Educação. Educação de Jovens e Adultos – EJA. Rondônia: SEE, 2013. 364p.

\_\_\_\_\_. Ministério da Justiça. Departamento Penitenciário Nacional. Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias INFOPEN - junho de 2014. Disponível em <http://www.justica.gov.br/noticias/mj-divulgara-novo-relatorio-do-infopen-nesta-terca-feira/relatorio-depen-versao-web.pdf>. Acesso em junho 2017. Acesso em 16 de maio de 2017.

CASTRO, P. A. P. P; TUCUNDUVA, C. C; ARNS, E. M. A importância do planejamento das aulas para organização do trabalho do professor em sua prática docente. Atherna, **Revista Científica da Educação**, v. 10, n. 10, 2008.

CAVALCANTE, E. C. B. **Cinema na cela de aula**: o uso de filmes no ensino de Biologia para a EJA prisional. 2011. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de Ciências). Universidade de Brasília. Brasília-DF: 2011.

DESSEN, M. A.; POLONIA, A. C. **A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano**. Paideia, v. 17(36), p. 21-32, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/paideia/v17n36/v17n36a03>. Acesso em 14 de abril de 2017.

DUARTE, S. M; MONTEIRO, E. M. **Diretrizes para a educação nas prisões: analisando a prática**. EDURECE, 2015.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 39 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GEGLIO, P.S.; SANTOS, R, C. As diferenças entre o Ensino de Biologia na Educação Regular e na EJA. **Interfaces da Educação**, v.2, n.5, p. 76-92, Paranaíba, 2011.

LAFFIN, Maria Hermínia Lage Fernandes; NAKAYAMA, Andréa Rettig. O trabalho de professores/as em um Espaço de privação de liberdade. **Educ. Real.**, Porto Alegre , v. 38, n. 1, p. 155-178, 2013 . Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2175-62362013000100010&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-62362013000100010&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 05 de jul. de 2017.

LEME, J. A. G. A cela de aula: tirando a pena com letras. Uma reflexão sobre o sentido da educação nos presídios. In: ONOFRE, Elenice Maria Cammarosano (org). **Educação escolar entre as grades**. São Carlos: EdUFSCar, 2007.

LOURENÇO, F. H. S. M; BARROS, J. D.S. **Educação de Jovens e Adultos no Sistema Prisional: concepções dos Docentes a cerca de utilização de filmes didáticos no Ensino de Biologia**. XII Congresso Internacional de Tecnologia na Educação, S/D.

MELLO, F. M; SANTOS, L. M. **Reflexões sobre a educação escolar no sistema prisional**. Disponível em <http://www.uesb.br/recom/anais/artigos/02/Reflex%C3%B5es%20sobre%20a%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20Escolar%20no%20Sistema%20Prisional%20-%20F%C3%A1bio%20Mansano%20de%20Mello%20e%20Leonardo%20Moraes%20dos%20Santos.pdf>. Acesso em 03 de jul. de 2017.

MORAN, J. M; MASETTO, M. T.; BEHRENS, M. A. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas, SP: Papirus, 2000.

NAKAYAMA, Andréa Rettig. **O Trabalho de Professores/as em um Espaço de Privação de Liberdade**. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina, 2011.

OLIVEIRA, C. B. F; A educação escolar nas prisões: uma análise a partir das representações dos presos da penitenciária de Uberlândia (MG). **Educação Pesquisa**, v.39, n. 4, p.955-967, São Paulo, 2013.

PARANHOS, R. D; SHUVARTZ, M. A Relação Entre Educação Ambiental e a Educação de Jovens e Adultos Sob a Perspectiva da Trajetória dos Educadores. **Contexto & Educação**, n. 91, ano 28, 2013.

RANGEL, H. Perspectiva Comparada de Práticas Educativas: síntese para vincular a Educação e a Justiça. Educando para a liberdade: trajetória, debates e proposições de um projeto para a educação nas prisões brasileiras. Brasília: UNESCO, Governo Japonês, Ministério da Educação, Ministério da Justiça, 2006. P. 59-70.

SANTOS, O. R. Um Olhar de Alunos da EJA sobre Impactos Ambientais do Turismo Costeiro em Ajuruteua (Bragança-PA). **Contexto & Educação**, n. 100, ano 31, 2016.

SILVA, D. S; SILVA, M. A; ZIEGLER, S. S. Reflexões metodológicas para o ensino de Ciências na EJA: a utilização das modalidades didáticas. **Revista da SBEnBIO**, n.7, 2014.

TRENTIN, E. **Todo cidadão deveria saber a importância da educação prisional**. Disponível em <http://www.emdialogo.uff.br/content/todo-cidadao-deveria-saber-importancia-da-educacao-prisional>. Acesso em 21 de jul. de 2017.

## APÊNDICE

Referências dos 31 artigos selecionados referente ao ensino de Ciências e Biologia na EJA.

ARAÚJO JR, A; AVANZI, M. R; GASTAL, M. L. Uma experiência de encontro entre narrativas autobiográficas e narrativas científicas no en-sino de biologia para jovens e adultos. **Ens. Pesqui. Educ. Ciênc. (Belo Horizonte)**, Belo Horizonte, v. 19, e2705, 2017.

BERTOGLIO, D. S; LIMA, V. M. R; PIRES, M. G. Uma proposta pedagógica direcionada ao ensino de Ciências para estudantes jovens e adultos. *Experiências em Ensino de Ciências*, v. 10, n. 2, 2015.

CAVAGLIER, M. C. S; MESSEDER, J. C. Plantas Medicinais no Ensino de Química e Biologia: Propostas Interdisciplinares na Educação de Jovens e Adultos. **Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências**, V. 14, N. 1, 2014.

COSTA, M. C. M. P; SILVA, C. C. A. **O Ensino das Ciências e as TICs**: o uso do Laboratório de Informática como facilitador do processo ensino-aprendizagem da alfabetização de Jovens e Adultos. OEI. Disponível em: <[www.oei.es/historico/congreso2014/memoriactei/1368.pdf](http://www.oei.es/historico/congreso2014/memoriactei/1368.pdf)>. Acesso em: 10 de maio de 2017.

DUARTE, C. T; ALMEIDA, F. C. S; ARRUDA, R. M; CAMPOS, M. G; MACHADO, N. G. Ensino de Ciências na EJA: Relato de uma experiência Didática. **UNOPAR Científica: Ciências Humanas e Educação**, v.5, n.esp, p. 375-380, Londrina, 2014.

FRAGA, R. F; BORGES, R. M. R. Bioética com animais: uma proposta para a Educação de Jovens e Adultos no Ensino Médio. **Experiências em Ensino de Ciências**, v. 5, n. 1, 2010.

GOMES, A.T; GARCIA, I. K. Aprendizagem significativa na EJA: Uma análise da evolução conceitual a partir de uma intervenção didática com a temática Energia. **Investigações em Ensino de Ciências**, v. 19, n.2, p.289-321, 2014.

KRELLING, L. M; FLORCZAK, M. A; SUTIL, N. A Educação de Jovens e Adultos e o Ensino de Ciências Naturais: Contribuições da utilização dos conceitos unificadores. **Ciências e Ideias**, v. 7, n.3, 2016.

LEITE, A. C. S; SILVA, P. A. B; VAZ, A. C. R. A importância das aulas práticas para alunos jovens e adultos: uma abordagem investigativa sobre a percepção dos alunos do PROEF II. **Ensaio Pesquisa em Educação em Ciências**, v. 7, n. 3, 2005.

LIMA, A. C. C; MEDEIROS, M. L. Q; ARAÚJO, M. F. F; MONTENEGRO, L. A; IORIOPETROVICH, A. C. Concepções alternativas, sobre aspectos morfológicos e fisiológicos dos peixes, de alunos da educação para jovens e adultos. **Revista da SBEnBIO**, n.7, 2014.

LOPES, M. R. O; FERREIRA, T. L. A Educação de Jovens e Adultos e o Ensino de Ciências: Uma Revisão da Literatura. **Revista Científica Interdisciplinar**, v.2, n.3, p. 67-78, 2015.



- MACHADO, E. F; CULPI, V. L. F. Possibilidades metodológicas para a apropriação do tema Artrópodes na Educação de Jovens e Adultos (EJA). **Experiências em Ensino de Ciências**, v. 10, n. 1, 2015.
- MACIEL, M. M; GONÇALVES, P. B; BARROS, J. D. S. A utilização de documentários didáticos no Ensino de Biologia na EJA da cidade de São José de Piranhas-PB. **Pesquisa Interdisciplinar**, Ed. Especial, v.1, Cajazeiras, 2016.
- MERAZZI, D. W; OAIGEN, E. R. Atividades práticas do cotidiano e o Ensino de Ciências na EJA: a percepção de educandos e docentes. Amazônia – **Revista de Educação em Ciências e Matemática**, v. 3, n. 6, 2007.
- MERAZZI, D. W; OAIGEN, E. R. Atividades práticas em Ciências no cotidiano: valorizando os conhecimentos prévios na Educação de Jovens e Adultos. **Experiências em Ensino de Ciências**, v. 3, n. 1, 2008.
- MONACO, G. D; LIMA, E. F. Que conhecimentos sobre Ciências ensinamos na Educação de Jovens e Adultos e quais poderíamos ensinar?.**Série-Estudos**, n. 32, p. 67-85, 2011.
- MORAIS, F. A. O Ensino de Ciências e Biologia nas turmas de EJA: experiências no município de Sorriso-MT. **Revista Iberoamericana de Educación**, v. 6, n. 48, 2009.
- MORAIS, R. W-R; SOARES, C. C.Estratégias e metodologias para o ensino de Ciências na Educação de Jovens e Adultos – EJA,**Sala de Aula em Foco**, v. 1, n. 1, 2012.
- MOREIRA, A. F; FERREIRA, L. A. G. Abordagem temática e contextos de vida em uma prática educativa em ciências e biologia na EJA. **Ciênc. educ. (Bauru)**, Bauru, v. 17, n. 3, p. 603-624, 2011.
- NASCIMENTO, V. S; BENITE, C. R. M; FRIEDRICH, M.; BENITE, A. M. C. O ensino de Ciências e Matemática na educação de jovens e adultos: um estudo de caso sobre ação docente. **Alexandria: Revista de Educação em Ciência e Tecnologia**, Florianópolis, v. 4, n. 1, p. 67-88, maio 2011. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/alexandria/article/view/37547/28835>>. Acesso em: 04 jun. 2017.
- NEVES, A. L. L. A; SOUSA, G. M; ARRAIS, M. G. M. A produção de jogos didáticos de Botânica como facilitadores do ensino de Ciências na EJA. **Revista da SBEnBIO**, n.7, 2014.
- NUNES, E. F; HORA, B. L. V; PINHEIRO, S. A; ARAUJO, T. L. Aplicando o fenômeno da Maré Negra como ferramenta problematizadora com alunos do EJA.**Revista da SBEnBIO**, n.7, 2014.
- OLIVEIRA, L. L; ZANCUL, M. S. Textos de divulgação científica (TDC) nas aulas de Biologia na Educação de Jovens e Adultos (EJA) para abordar a temática alimentação. **Revista Práxis**, v. 6, n. 11, 2014.
- OLIVEIRA, L. M. P. P; ANDRADE, V, A. Uma Contribuição do Ensino de Ciências para a discussão e a prevenção do HPV no contexto do Programa de Educação de Jovens e Adultos. **Revista Práxis**, v. 8, n. 15,2016.
- OLIVEIRA, S. G. T; MUNFORD, D. Apropriação do discurso científico: uma análise do uso da linguagem científica em atividades de ensino de ciências com alunos da educação de jovens e adultos (EJA). **Revista da SBEnBIO**, n.7, 2014.
- PORTO, M. L. O; TEIXEIRA, P. M. M. Ensino de Biologia na Educação de Jovens e Adultos (EJA): um estudo de Revisão Bibliográfica. **Revista da SBEnBIO**, n.7, 2014.

SANTOS, F. F; SOUZA, M. L. “Professora, a senhora gosta de homem ou de mulher”? Olhares de um grupo de estudantes sobre uma proposta de ensino sobre corpo, gênero e sexualidade na EJA. **Revista da SBEnBIO**, n.7, 2014.

SANTOS, P. O; BISPO, J. S.; OMENA, M. L. R. A. O ensino de Ciências Naturais e cidadania sob a ótica de professores inseridos no programa de aceleração de aprendizagem da EJA - Educação de Jovens e Adultos. **Ciênc. educ. (Bauru)**, Bauru , v. 11, n. 3, p. 411-426, 2005 .

SOARES, M. N. T; GASTAL, M. L. A. O início, o fim e o meio: algumas concepções e imagens de estudantes da EJA sobre menstruação, menopausa e climatério. **Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências**, v. 16, n. 2, p. 275-293, 2016.

SOUZA, E. C. F; COSTA, G. C; BORNSTEIN, C. J. U. Desafios do trabalho docente na Educação de Jovens e Adultos: vivências da prática de ensino em Ciências Biológicas. **Cadernos do Aplicação**, v. 26, n. 2, p. 61-69, Porto Alegre, 2013.

VILANOVA, R; MARTINS, I. Educação em Ciências e educação de jovens e adultos: pela necessidade do diálogo entre campos e práticas. **Ciênc. educ. (Bauru)**, v. 14, n. 2, p. 331-346, Bauru, 2008.